

IVANIR ANTONIO RAMPON é presbítero da Arquidiocese de Passo Fundo (RS). Doutor em Teologia Espiritual pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, atualmente leciona no Itepa Faculdades e assessora cursos na área de Teologia Espiritual.



Este livro aprofunda o legado de Dom Helder Camara, modelo de pessoa que se doou na caridade, por amor a Cristo e a sua Igreja, tendo como objetivo central analisar seu caminho espiritual. Assim, esta obra acompanha sua trajetória, percebendo quais foram as constantes, as novidades, as mudanças e os progressos (ou as conversões, as humilhações, os novos acentos) no seu modo de viver sob a orientação do Espírito Santo.



A COMUNICAÇÃO A SERVIÇO DA VIDA

Telemarketing
0800 - 7010081
www.paulinas.org.br

Acesse também "Ciberteologia",
nossa Revista Eletrônica de Teologia & Cultura:
www.ciberteologia.org.br.

O Ano Litúrgico: *locus* privilegiado da formação cristã e do amadurecimento na fé

The Liturgical Year:
locus of Christian formation and growth
in the faith

*Vanderson de Sousa Silva**

Resumo: O presente artigo intenta perquirir a temática do Ano Litúrgico assumindo, que o mesmo, não é somente um calendário religioso, mas antes uma pessoa – Jesus Cristo. Portanto, o Ano Litúrgico é o encontro com Cristo no Espírito Santo. Nesta perspectiva cristológico-pneumática do Ano Litúrgico propõe-se o Ano Litúrgico como o lugar privilegiado de formação e do amadurecimento da comunidade cristã, que em torno do Mistério de Cristo celebrado nos mistérios litúrgicos ao longo do ano, vislumbra o encontro pessoal com o Senhor. Buscando na teologia mistérica de Odo Casel uma interpretação da relação entre Mistério único de Cristo e os mistérios litúrgicos, busca-se aprofundar os aspectos teológicos do Ano Litúrgico para que se revele a estreita ligação entre a pastoral e o Ano Litúrgico, destacando o ligame entre liturgia e pastoral.

Palavras-chave: Ano Litúrgico, Pastoral, Formação cristã.

* Mestre em Teologia Sistemático-Pastoral na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, apoio do CNPQ. Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Graduado em Teologia (PUC-MG), Filosofia (IFITEPS), Pedagogia (UNIRIO) e graduando-se em Ciências Sociais (UFF). Contato: semvanderson@hotmail.com.

Abstract: This article attempts to assert the theme of the liturgical year assuming that it is not an only a religious calendar, but a Person – Jesus Christ. Therefore, the Liturgical Year is the encounter with Christ in the Holy Spirit. In this perspective Christological-pneumatic Liturgical Year propose the Liturgical Year, as the privileged place of formation and maturation of the Christian community, around which the mystery of Christ celebrated in the liturgical mysteries throughout the year glimpsing the personal encounter. Seeking in the theology of mystery of Odo Casel an interpretation of the relationship between single Mystery of Christ and the liturgical mysteries. Thus, we seek to deepen the theological aspects of the Liturgical Year that proves the close connection between the pastoral and Liturgical Year, highlighting the bond between liturgy and pastoral.

Keywords: Liturgical Year, pastoral care, Christian education.

1. Introdução

Como uma estrada corre serpenteando ao redor de um monte, com o objetivo de poder atingir, pouco a pouco, em subida gradual, o escarpado pico, assim, nós devemos fazer de novo num plano mais elevado a mesma caminhada, enquanto não se atinge o ponto final, que é o próprio Cristo, nossa meta.¹

A tarefa posta à teologia de discursar sobre o mistério de Deus é confrontada pela mentalidade hodierna, o teólogo encontra-se muito bem representado no conhecido conto de Sören Kierkegaard sobre o palhaço e a aldeia em chamas, conto este citado por Josef Ratzinger em sua obra – Introdução ao Cristianismo; o conto kierkegaardiano relata a história de um circo que pega fogo na Dinamarca, o palhaço já caracterizado para sua apresentação: peruca, maquiagem, roupas coloridas e hilárias, vai à aldeia vizinha alertar a população acerca do perigo das chamas se espalharem do circo até a aldeia. Ao chegar até ela, o palhaço desesperado, grita, corre e pede socorro – o circo

está em chamas! – na esperança dos aldeões auxiliarem na tentativa de apagar o fogo. Contudo, a população ri enlouquecidamente da atuação do palhaço e diz estar quase se convencendo do real incêndio do circo se não fosse sua excelente representação. Tomando os gritos do palhaço como um formidável truque de publicidade, a população aplaude e ri. Por mais que o palhaço tentasse esclarecer, mais hilários ficavam os aldeões, tornando tardia a tentativa de auxílio, assim, circo e aldeia depressa ficam destruídos pelas chamas.

Ratzinger retoma o conto de Kierkegaard dizendo que é símile da situação do teólogo na atualidade e vê a figura desse na do palhaço incapaz de transmitir aos homens a sua mensagem. O teólogo é visto como homem caracterizado de uma roupagem medieval e não levado a sério, podendo dizer o que quiser, continua como que etiquetado e fichado pelo papel que representa. Diante deste conto de Kierkegaard retomado por Ratzinger, pode-se ver quão temerária é a tarefa do teólogo, dizer o Indizível a um mundo que ri hilariamente de sua mensagem, contudo, assumindo essa tarefa inicio o meu discurso sobre Deus (teologia):

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman na introdução de sua obra “A ética é possível num mundo de consumidores?”, indaga-se acerca do que chama o “campo de batalha”, em que travamos para pensar o mundo em que vivemos. Bauman na busca de balizar a questão da compreensão da pós-modernidade (substituída, por ele mesmo, por modernidade líquida)² assevera que as preocupações acerca do “[...] sentido e do destino da jornada são tão abundantes quanto os prazeres prometidos por este mundo cheio de surpresas, esta vida pontuada de ‘novos recomeços’”.³ Na avaliação de Bauman o viver contemporâneo é pontuado de preocupações e apreensões, num misto de prazer. A tarefa de viver num mundo “líquido” poderá ser mais bem vivida por aqueles que souberem, nos “novos recomeços”, alcançar um sentido, um quadro interpretativo que dê algum sentido a liquidez.

¹ CASEL, Odo. *Il mistero del culto divino*. Roma: [?], 1985. p. 108.

² A noção de “pós-modernidade”, Bauman veio a substituí-la pelo conceito de “modernidade líquida” no livro homônimo, no ano 2000.

³ BAUMAN, Z. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 8.

O cristianismo possui hoje a tarefa irrenunciável de saber dialogar com o homem fruto deste tempo. Eis o enorme desafio, visto que, o cristianismo possui uma sobrecarga de instituições e doutrinas que se enquadram no “mundo sólido” para utilizar uma imagem de Bauman. Um cristianismo afeito ao ensinamento de cátedra, em suma da Verdade, que colide com o mundo da fluidez, da fragmentalidade e do episódico que é o hodierno.⁴ Deste embate entre dois mundos – o sólido e o líquido – somos testemunhas, e urge como Igreja nossa resposta pastoral.

Nosso intento não é apresentar soluções cabais, mas buscar pensar uma possível alternativa, partindo de nosso recorte, a liturgia. Faz-se imperioso colocar desde já, nosso ponto de partida, a saber, a liturgia como espaço de encontro do homem com o Outro (Deus Pai, Filho e Espírito Santo), consigo mesmo e com o outro. O homem contemporâneo é uma mistura de fragmentos (dimensões psicoafetivas, volitivas, relacionais, racional, emocional e muito mais) que pode encontrar-se e integrar-se no mosaico da experiência litúrgica.

Assim, concebendo o homem como essa mistura de fragmentos, propomos a liturgia como um possível, certamente não o único, lugar de esses fragmentos integrarem-se. Não em vista de uniformidade, mas na beleza da imagem do mosaico, que sendo um todo, é um todo fragmentado, mas com sentido. Como recorte das possíveis experiências litúrgicas, limitaremos ao Ano Litúrgico.

O Ano Litúrgico⁵ não é apenas uma construção eclesial na história do cristianismo, no intuito de organizar as festas religiosas,

⁴ Odo Casel apresenta o Cristianismo não como simplesmente uma doutrina, ou um ensinamento, uma visão de mundo, ou ainda um código de conduta moral. Ainda que presente nesses aspectos, os mesmos não dão conta de abarcar o conceito de Cristianismo. Para Casel o núcleo fundamental do Cristianismo está precisamente no Mistério encarnado na pessoa de Jesus Cristo.

⁵ “O Ano Litúrgico é a atualização e o prolongamento temporal e espacial do próprio ato salvífico de Cristo, iniciando na terra, agora continuado junto ao Pai e tornado eficaz na Igreja, por meio da Igreja e em favor da Igreja, constitui o ‘momento favorável, o dia da salvação’ (2Cor 6,2) do contato com os mistérios de Cristo, para receber dele a graça própria e exprimi-la moral e asceticamente na vida. [...] é sempre mais configurado ao seu Senhor e aprende a viver na caridade ‘os mesmos sentimentos que havia em Jesus Cristo’ (Fl 2,5)” (cf. BERGAMINI, A. *Cristo, festa da Igreja: o Ano Litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 161.

não é uma ideia, ou ainda, um calendário religioso, mas antes, é – uma pessoa, Jesus Cristo e o seu Mistério. O evento Cristo, portanto, é situado no tempo e no espaço, contudo, pela força pneumática, a Igreja sacramentalmente celebra no *hodie* perene do tempo-kairótico anamneticamente e doxologicamente o Mistério Pascal.⁶

A festa da Igreja, então, é o Cristo, cordeiro pascal imolado e glorificado, conforme a teologia paulina da festa em 1Cor 5, 7-8. Compreendeu a Igreja desde cedo preclaramente sob o influxo do judaísmo que Deus entrou na história e tornou-a prenhe de eternidade, assim celebrar o Mistério de Cristo no tempo da Igreja é abrir-se para o “já” realizado em Cristo e o “ainda não” plenamente cumprido, essa tensão escatológico-soteriológica verifica-se conspicuamente no Ano Litúrgico em suas várias solenidades, festas e memórias. Em que, o Mistério de salvação já realizado por Cristo em seu Mistério Pascal,⁷ ainda não foi plenamente consumado.

2. Teologia do Ano Litúrgico

O Ano Litúrgico celebra o Mistério de Deus em Cristo e, portanto, se acha enraizado na série de eventos mediante os quais Deus entrou na história e na vida do Homem.⁸

O Concílio Ecumênico Vaticano II celebrado em Roma, entre 1962-1965, aprovou, como primícia da “primavera eclesial” em questão, o documento sobre a Liturgia – a Constituição *Sacrosanctum Concilium*,⁹

⁶ Esta teologia do Ano Litúrgico não como um calendário, mas antes a pessoa de Cristo, a festa da Igreja é apresentada por Augusto Bergamini.

⁷ Nos últimos tempos redescobriu-se a centralidade do Mistério Pascal na história da salvação na liturgia. Contudo, já os hagiógrafos neotestamentários, reeditando a obra de Jesus, acabam por ‘pascalizá-lo’, ou seja, apresentam a vida de Jesus toda direcionada para a Páscoa, que segundo Cantalamessa, até consideram a obra salvadora como um evento pascal. Cf. CANTALAMESSA, Raniero. *La Pasqua della nostra salvezza. Le tradizioni pasquali della Bibbia e della primitiva chiesa*. Turim, 1971. pp. 67-105.

⁸ BERGAMINI, A. Ano Litúrgico. In: SARTORE, A. D.; TRIACCA, M. *Dicionário de Liturgia*. Paulinas: São Paulo, 1992, p. 59.

⁹ A *Sacrosanctum Concilium* afirma que “[...] a Liturgia constitui a primeira e, mais ainda, a necessária fonte da qual os fieis podem beber um espírito verdadeiramente cristão” (SC 14), bem como a liturgia é definida como o “cume para o qual tende a ação da Igreja” (SC 10).

essa colocou a Liturgia em estreita relação com a História da Salvação e no capítulo V, intitulado: O Ano Litúrgico, dos números 102 aos 111, trata diretamente do Ano Litúrgico.

Como resumo dos mesmos números, pode-se afirmar que o Concílio, evoca o Ano Litúrgico como o lugar eclesial, por excelência, em que a função celebrativa e anamnética (recordação) realiza “[...] a obra salvadora de seu divino esposo, em determinados dias, no decurso de cada ano”.¹⁰ Contudo, a mesma constituição, apresenta o Domingo como “[...] o principal dia de festa”,¹¹ sendo este dia, “[...] justamente denominado dia do Senhor, celebra a ressurreição, como o faz uma vez por ano, justamente com a paixão, na grande solenidade da páscoa”.¹²

Desses pontos, que não esgotam a riqueza do capítulo V da *Sacrosanctum Concilium* podemos constatar que a Igreja busca acentuar a relação entre a Liturgia e a História da Salvação, que no Ano Litúrgico, ganha espaço para ser vivenciado pela comunidade cristã na celebração do Mistério de Cristo nos mistérios litúrgicos; bem como, a centralidade do Domingo que é “o principal dia de festa”,¹³ dia pascal, dia de ouvir a Palavra de Deus e alimentar-se da Eucaristia.¹⁴

Portanto, emergem alguns pontos:

- a) A centralidade e a prioridade do Mistério de Cristo e de sua páscoa sobre qualquer celebração;¹⁵
- b) Na celebração das solenidades, festas e memórias da Virgem Maria e dos Santos, destaque para os santos mártires, deve-se

¹⁰ SC 102.

¹¹ SC 106.

¹² SC 102.

¹³ SC 106.

¹⁴ SC 106.

¹⁵ SC 103 assevera que: “Celebrando o ciclo anual dos mistérios de Cristo, a Igreja venera com amor peculiar, a bem-aventurada mãe de Deus, Maria, que está intimamente associada à obra salutar de seu Filho. [...]”. E a SC 104, afirma que: “No ciclo anual, a Igreja inseriu igualmente a memória dos mártires e de outros santos, que chegaram, por muitos caminhos, à perfeição; por graça de Deus, alcançaram a salvação eterna, e hoje cantam, no céu, louvor sem fim a Deus, intercedendo por nós. Na festa natalícia dos santos, a Igreja proclama o mistério pascal, vivido por aqueles que sofreram e foram glorificados com Cristo [...]”. Portanto, a memória de Maria e dos Santos é proclamação da páscoa de Cristo.

ressaltar sempre a relação intrínseca com o Mistério de Cristo. Assim, quando se celebra na liturgia a memória de Maria e dos Santos é por causa da páscoa de Cristo em seus membros. Nunca uma memória isolada de Cristo e de seu Mistério Pascal;

- c) Portanto, seria muito extrínseco à liturgia celebrar a memória de Maria e dos Santos por si mesmos, desconectados da referência indissociável da páscoa de Cristo.

Para A. Bergamini a teologia do Ano Litúrgico deve iniciar afirmando o não caráter estático do mesmo, como um simples calendário, com sucessão de solenidades, festas e memórias, de semanas, dias e horas, mas antes, é a pessoa de Jesus Cristo. Assim, o Ano Litúrgico é a celebração do Mistério de Cristo temporalizado nos mistérios re-memorados pela Igreja em cada tempo.

O Ano Litúrgico não é uma ideia, mas é uma pessoa, Jesus Cristo e o seu mistério realizado no tempo e que hoje a Igreja celebra sacramentalmente como “memória”, “presença”, “profecia”. O mistério de Cristo foi compreendido e celebrado liturgicamente pela Igreja no decorrer dos séculos segundo critério que vai da “concentração à distribuição”, e pelo qual se passou progressivamente do “todo” considerado na páscoa à explicitação de cada um dos mistérios separadamente.¹⁶

O centro do Ano Litúrgico é a celebração do Mistério Pascal desdobrado em tempos-kairóticos privilegiados: Tempo Pascal-Pentecostal, Tempo Comum, Tempo do Advento, Tempo Natalino-Epifânico, Tempo Quaresmal.¹⁷ O Ano Litúrgico não é uma celebração cíclica, evocativa

¹⁶ BERGAMINI, A. *Cristo, festa da Igreja: o Ano Litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 161.

¹⁷ A divisão do Ano Litúrgico em Tempos pode ser explicada por dois motivos: o pedagógico, pois “[...] em nossa limitada capacidade psicológica, não podemos perceber e penetrar toda a sua infinita riqueza com um só olhar. [...] a festa litúrgica é justamente isto: colocar em relevo liturgicamente ora um, ora outro aspecto do único mistério, ou seja, celebrar cada um dos mistérios”; e o teológico, esse afirma que “embora o mistério seja visto na sua inseparável unitotalidade e à luz do seu centro vital, a Páscoa [...] todos os atos da vida de Cristo (os mistérios) são salvíficos e cada um deles possui uma bem precisa conotação e um valor próprio no plano de Deus [...]”. Contudo, Bergamini pondera que “Sabemos que no memorial Eucarístico está contido todo o bem espiritual da Igreja, isto é o próprio Cristo, nossa Páscoa. Na Eucaristia estão vivos e se concentram, em grau máximo, todos os

do eterno retorno, mas antes, sua melhor imagem é a de um espiral que cresce e conduz a comunidade cristã a aprofundar, a cada novo Ano Litúrgico, a experiência *metanoica* da Páscoa, pascalizando-nos, configurando-nos ao Cristo Ressuscitado.¹⁸

2.1 O Ano Litúrgico e o Mistério de Cristo

O autêntico protagonista do ano litúrgico é o Cristo místico, a saber, o próprio Senhor Jesus Cristo glorificado, unido com sua esposa, a Igreja [...].¹⁹

A celebração litúrgica é a atualização no “hoje” do evento histórico-salvífico, que se origina no Cristo, este é o ponto fixo sobre o qual se orienta a história humana inteira. Disso, decorre que o Ano Litúrgico não pode ser concebido como um ciclo de eterno retorno, preso no fatalismo, mas antes, pode ser representado por um espiral. O espiral demonstra que há um progresso em cada ciclo completo do Ano Litúrgico, que vai caminhando de forma crística rumo à parusia. Para M. Augé é a assembleia litúrgica e no tempo de um ano (Ano Litúrgico) que a totalidade da história da salvação, que em suma, é

aspectos do mistério de Cristo e de toda a história da salvação. Cada missa pode-se dizer é Advento, Natal, Sexta-feira Santa, Páscoa, Ascensão, Pentecostes. Toda festa litúrgica está realmente contida no memorial do sacrifício pascal de Cristo. O conteúdo salvífico sobre-histórico do mistério é total, inseparável e unitário em toda plenitude da sua realidade para a vida da Igreja [...]. O homem participa [do mistério] apenas gradualmente, mas o mistério é em si mesmo total e perfeito”. Cf. BERGAMINI, A. *Op. cit.*, p. 110.

¹⁸ Como afirma A. Bergamini, “no primeiro período da história da Igreja, a Páscoa foi o centro vital e único da pregação, da celebração e da vida cristã. Não devemos esquecer este dado importante: o culto [liturgia] da Igreja nasceu da páscoa e para celebrar a páscoa”. Cf. *Dicionário de Liturgia*, p. 58. Ainda Cantalamessa, assevera: “Existiu uma época na vida da Igreja em que a Páscoa era, por assim dizer, tudo. Não somente porque ela comemorava, sem partilhar com nenhuma outra festa, toda a história da salvação, desde a criação até a parusia, mas também porque ela era o lugar de formação de alguns componentes essenciais na vida da comunidade: a liturgia, a exegese tipológica, a catequese, a teologia e o próprio cânon das Escrituras”. Cf. CANTALAMESSA, R. *La Pasqua nella Chiesa Antica*. Torino: SEI, 1978, p. 13 – portanto, no período patrístico a liturgia era o lugar onde catequese, exegese, pastoral, homilética, espiritualidade, moral e teologia hauriam seus elementos para trabalhá-los no específico de cada ciência sagrada, assim, havia algo que unia a vida eclesial, o Mistério Pascal, que perpassava toda a vida cristã.

¹⁹ CASEL, O. *Op. cit.*, p. 109.

o próprio evento Cristo, se atualiza em diversas projeções temporais de passado-presente-futuro.²⁰

Na teologia neotestamentária, encontramos Paulo nas cartas aos Efésios e Colossenses chamando o plano divino de salvação que se realiza em Cristo como *mysterion* (mistério). Com esse léxico Paulo indica, segundo o parecer de Neunheuser, o desígnio escondido de Deus que somente é manifesto mediante a revelação. Portanto, o “*mysterion* de Deus” é, pois, em última análise, o próprio Jesus como Messias”.²¹

Da relação entre Cristo, o Mistério e os mistérios,²² são trabalhados pela obra do alemão Odo Casel. Um ponto que não se pode olvidar é a contribuição da teologia do Mistério recuperada por Ele,²³ no sentido de oferecer uma melhor compreensão do ligame: Cristo, Mistério e culto. Para tanto, sua obra, intitulada – *Das christliche Kultmysterium*, Casel indaga acerca do Mistério Divino – “Mas o que é o Mistério divino?”, obtendo como resposta:

O sentido dessa expressão, embora sendo no fundo muito simples, apresenta três aspectos.

1. O Mistério divino é antes de tudo Deus nele mesmo.
2. Para o apóstolo São Paulo, o mistério é a maravilhosa revelação de Deus em Cristo [...]. É pela fé e pelos mistérios que o Cristo vive sempre na Igreja.

²⁰ M. AUGÉ; A. CHUPUNGCO; A. NOCENT, *O Ano Litúrgico. História, Teologia e Celebração*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 29.

²¹ B. NEUNHEUSER, “Mistero”, in S. SARTORE; A. M. TRIACCA, *Nuovo Dizionario di Liturgia*. Roma, 1984, p. 865.

²² A relação entre Cristo o Mistério e os mistérios é apresentado por M. Augé, que afirma: “Além da visão paulina complexiva do único ‘mistério de Cristo’, há também o seu desdobramento nos vários ‘mistérios’, como se dá na pregação e na tradição sinótica. Nesse caso a qualificação de ‘mistérios’ é aplicada aos diversos acontecimentos da vida de Cristo, os quais não são senão participação e desenvolvimento do único ‘mistério’. A referência ao mistério ou aos mistérios de Cristo tem sido sempre essencial para a pregação e para o culto da Igreja” AUGÉ, M. *Op. cit.*, p. 21.

²³ Dom Odo Casel, OSB, entrou na Abadia de Maria-Laach em 1905, fez a profissão perpétua em 1907 e foi ordenado sacerdote em 1911. Formou-se em filosofia em Bonn em 1919, discutindo a tese *De philosophorum Graecorum mystico silentio*, e em Roma, teologia, com uma tese sobre a Eucaristia em São Justino. Sua páscoa ocorre na manhã de Páscoa de 1948, deixando para seus discípulos e especialistas liturgistas a capacidade de implementar as suas conclusões e perspectivas teológicas expressas principalmente nos quinze volumes de *Jarbuch für Liturgiewissenschaft* editados pelo mesmo.

3. Assim, um terceiro sentido completa os dois primeiros. Desde que o Cristo já não está visível entre nós, “as presenças do Senhor e Redentor passaram para os mistérios”, como se exprime São Leão Magno. A pessoa do Senhor, sua obra redentora, a operação de sua graça, tudo isso possuímos nos mistérios do culto, segundo a palavra que Santo Ambrósio dirige a Cristo: “É em vossos mistérios que eu vos encontro”.²⁴

O pensamento “caseliano” parte da necessidade de recuperação do sentido de Mistério – o retorno para o mistério – no espaço e no tempo, que diz respeito à *história da salvação*. Em sua obra, explica Casel a origem do termo *mistério* buscando no mundo antigo, como esses concebiam o mistério. Logo Casel coloca em diálogo o conceito de mistérios do mundo antigo com o que o Cristianismo concebe como sendo o Mistério. Mostrando como o léxico “mistério”, redescoberto seu sentido, é em si revitalizador e uma chave de leitura a toda à história da salvação.

Os estudos de Casel propiciaram-nos entender a liturgia dos Sagrados Mistérios não como o conjunto externo do culto, mas a liturgia como o *opus* do próprio Mistério, através dos elementos universais da humanidade. Sensível ao fenômeno caracterizado como “dessacralização”, Casel busca como resposta a esse movimento sempre crescente, o caminho de retornar ao núcleo da fé cristã: o Mistério.

Para Casel é nos mistérios do culto/liturgia que o Mistério de Cristo é vivenciado pela Igreja, estabelecendo, por conseguinte, uma correlação: os mistérios da liturgia são uma consequência e ampliação do Mistério Crístico. Dessa visão mistérica da liturgia “caseliana”, pode-se depreender que a liturgia é a ação sagrada *anamnética* que comemora e atualiza a obra redentora de Cristo. Aplicando esta teologia litúrgica de Casel ao Ano Litúrgico, tira-se como consequência que o Ano Litúrgico possibilita a comunidade cristã, a cada ano ir aprofundando no adentramento do Mistério de Cristo pela participação nos mistérios, que rememoram as *mirabilia Dei*, atualizando-as em

cada assembleia litúrgica que celebra o único mistério de Cristo no decurso do ano, através dos mistérios.

No capítulo IV: “O mistério do ano litúrgico”, Casel afirma que “o ano litúrgico é, portanto, o mistério de Cristo”, desta afirmação podemos entender que o Ano Litúrgico é cristóforo, pois porta e transmite Cristo à comunidade, que reunida, celebra os Santos Mistérios. Participando do Ano litúrgico a própria comunidade torna-se cristófora. E torna-se Cristo porque, segundo Casel, a liturgia é o Mistério total que se realiza no fragmento do *hodie*:

Essa presença das obras teândricas e redentoras no *logos* como no rito sagrado explica por que a Igreja, embora possua sempre o Mistério em sua integridade, canta em algumas festas e a propósito de tal mistério comemorado o *hodie*. Assim no Natal: “Hoje o Cristo nasceu”; na Epifania: “Hoje a *Ecclesia* foi unida ao seu celeste Esposo”; na Páscoa: “Hoje é o dia que o Senhor fez”; em Pentecostes: “Hoje o Espírito Santo manifestou pelo fogo”. O ano santo em seu conjunto é a imagem eterna e divina da economia da salvação e contém todo o Mistério de Cristo [...]. Da mesma forma que o ano contém a presença divina, assim também cada dia do ciclo nos faz reviver o acontecimento da salvação que outrora lhe conferiu sua própria santidade.²⁵

Acerca da visão “caseliana” assevera M. Augé que todo o Ano Litúrgico, seja nas celebrações das festas e solenidades do Senhor, quer nas memórias dos mártires e santos “[...] não se propõe outro fim senão celebrar, atualizar o único mistério de Cristo tal como se nos reflete diferentes conteúdos [mistérios] das festas e das ações dos membros de seu corpo”,²⁶ assim, a teologia mistérica de Casel, muito contribui para a teologia do Ano Litúrgico, que é a atualização do Mistério de Cristo nos mistérios litúrgicos celebrados em cada mistério apresentado à comunidade pelas memórias, festas e solenidades.

Contudo, não se deve interpretar numa visão teatral-dramatizada o Ano Litúrgico, como se o mesmo, fosse uma reprodução dramatizada da vida de Cristo, ou ainda, uma visão de mutilação e fragmentação

²⁴ CASEL, Odo. *O mistério do culto no cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2009, pp. 18-20.

²⁵ CASEL, Odo. Op. cit., p. 93.

²⁶ AUGÉ, M.; CHUPUNGCO, A.; NOCENT, A. Op. cit., p. 31.

da vida de Cristo, mas em cada mistério celebrado, o todo está presente – o mistério é sempre completo.²⁷ Acerca disso, Casel afirma que nós em cada dia celebramos “[...] todo o mistério da Redenção e não obstante isso, na múltipla ressonância da palavra divina, no Natal e na Epifania torna-se presente para nós a encarnação, na Páscoa a paixão e a glorificação do Senhor”.²⁸

Em suma, a pluralidade de mistérios desdobrados em celebrações ao longo do Ano Litúrgico em nada prejudica a fundamental unidade do único Mistério de Cristo, pois segundo Casel “O mistério do ano litúrgico é sempre um”.²⁹ Não sendo uma presença estática do Mistério no Ano Litúrgico, mas geradora de comunhão, como bem expressa Augé ao afirmar que “O Mistério de Cristo torna-se assim a vida da Igreja, e a Igreja, por sua vez prolonga e completa o mistério de Cristo”.³⁰

3. A pastoral e o Ano Litúrgico

O altar sempre foi o centro da vida da Igreja, talvez bem mais depressa do que se pensa, ele há de ser não só o centro, mas esta vida inteira. É, pois muito importante que o que acontece no altar, e daí se expande para penetrar na vida do indivíduo e da família, assuma o seu sentido mais rico e as suas formas mais puras [...].³¹

A reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II perpetrou a epifania da pastoral litúrgica, esta decretada pela Constituição *Sacrosanctum Concilium* n. 10 e pela instrução *Inter Oecumenici* de 1964. Assim, a SC 10, assevera que todo o trabalho apostólico está ordenado para que todos, mediante a fé e o batismo se reúnam em assembleia, louvem a Deus na Igreja e participem do sacrifício e da

²⁷ Tomás de Aquino já afirmava isso quando dizia: “Neste sacramento se encerra todo o mistério da nossa salvação”; esta assertiva tomista refere-se à Celebração da Eucaristia, contudo, muito bem cabe para explicitar o que Casel busca explicitar. Cf. AQUINO, T. *Summa Theologica*, III, q. 83, a. 4c.

²⁸ CASEL, Odo. *Op. cit.*, p. 119.

²⁹ CASEL, Odo. *Op. cit.*, p. 92.

³⁰ AUGÉ, M.; CHUPUNGCO, A.; NOCENT, A. *Op. cit.*, p. 34.

³¹ GUARDINI, R. *Lettre sur le mouvement liturgique*. In : _____. *La Maison-Dieu III*, 1945, p. 7-24.

mesa do Senhor. Esta seria a forma ordinária de entender a pastoral, como *locus* primordial de realização do louvor divino e da santificação do homem, num movimento ascendente (louvor à Trindade) e descendente (santificação-graça).³²

Segundo A. Bergamini, a pastoral “[...] é a arte de conduzir os homens ao encontro de Cristo e fazê-los discípulos seus”,³³ ainda K. Rahner afirma que o objeto formal da teologia pastoral não é a essência imutável da Igreja “a qual pertence à eclesiologia dogmática, e nem a essência realizada na história da Igreja, mas a Igreja que, no ‘aqui e agora’, tem que se realizar”, a escola rahneriana prefere denominá-la de prática – “[...] é a análise da situação em que a Igreja deve realizar-se vez por vez” na história.³⁴

Portanto, a pastoral é antes de tudo o exercício do múnus de Pastor de Jesus, seu caráter crístico-pneumático não pode ser olvidado, muito menos, a finalidade da pastoral. Qual é a finalidade da pastoral? As respostas poderiam ser as mais variadas, desde os aspectos antropológicos, sócio-político-promocionais, até os relacionados à vida no Espírito, contudo o diferencial da ação pastoral da Igreja está em ser ela ação teo-cristófora e pneumatófora, ou seja, portadora de Deus Pai, Filho e Espírito Santo, testemunha aos homens, e de forma toda preferencial aos mais “pobres” o amor de Deus.³⁵

Pode-se perguntar: como pode ser a liturgia uma pastoral? Esta resposta, tentaremos dá-la neste item, no qual, se investigará a liturgia como pastoral fundamental. O jesuíta J. Jungmann, afirma

³² A SC 7 afirma que “toda celebração litúrgica, como obra de Cristo sacerdote e de seu corpo, que é a Igreja, é uma ação consagrada por excelência, cuja eficácia, no mesmo título e grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja”. A instrução *Inter Oecumenici* para uma exata aplicação da constituição sobre a sagrada liturgia, recordava que, antes de tudo, era necessário que todos estivessem convencidos de que a finalidade da SC não foi tanto modificar ritos e textos litúrgicos, mas antes promover a ação pastoral que tivesse, como ápice e fonte, a sagrada liturgia. Portanto, o esforço dessa ação pastoral deveria se concentrar na vivência do Mistério Pascal. Cf. BERGAMINI, A. *Op. cit.*, p. 142.

³³ BERGAMINI, A. *Ibid.*, p. 141.

³⁴ K. RAHNER, *La teologia pratica nel complesso delle discipline teologiche*. Nuovi Saggi III. Edizioni Paoline, 1969, p. 158.

³⁵ Tomar-se-á o léxico ‘pobre’ numa hermenêutica da amplitude (*lato*), ou seja, não só o pobre econômico, mas também tantas pobreza modernas de cunho moral, psíquico, físico e afetivo. Sem, contudo olvidar-se da pobreza econômica, mas ampliando o conceito às novas pobreza hodiernas.

que: “A liturgia viva foi, durante séculos, a forma mais importante de pastoral. Isso é verdade, sobretudo para os séculos em que ela foi praticamente criada”.³⁶ A Instrução *Inter Oecumenici* corrobora que a liturgia não esgota todas as atividades eclesiais (SC 9), contudo, exorta para o cuidado de que todas as ações pastorais estejam conectadas com a liturgia. Ao mesmo tempo, exorta para que a pastoral litúrgica esteja em união com as outras atividades pastorais. No que tange à pastoral, a Instrução estreita a ligação entre a catequese, instrução religiosa, e homilética à liturgia.³⁷

O Vaticano II afirmou reiteradas vezes que a função catequético-pedagógica da liturgia, é “[...] a fonte primeira e indispensável, pela qual os fiéis podem atingir o autêntico espírito cristão”;³⁸ ainda afirma que a liturgia é a “[...] rica fonte de instrução para o povo fiel”;³⁹ a celebração dos sacramentos “[...] como sinais, também têm a função de instruir”⁴⁰ e, por fim, a *Sacrosanctum Concilium* propõe que a catequese leve em conta os aspectos da liturgia, ao dizer que “[...] procure-se também inculcar, por todos os modos, uma catequese mais diretamente litúrgica”.⁴¹

Portanto, a pastoral e a liturgia não podem estar em direções antagônicas, sem que, a liturgia incida sobre a pastoral. A pastoral em seus diversos níveis de instância seja das Conferências Episcopais, ou local pelos planos e diretrizes pastorais diocesanas e paroquiais devem colocar a liturgia como ápice-fonte para o qual “[...] convergem todas as outras atividades da Igreja [...]”.⁴²

Segundo C. Vagaggini⁴³ pode-se afirmar que a meta pastoral é alcançada plenamente não através da liturgia, mas antes na liturgia. Contudo, podemos ir mais longe que Vagaggini, parafraseando-o: a pastoral deve ter sua origem-fontal na liturgia e seu fim-ápice na mes-

³⁶ Cf. JUNGMANN, J. *Pastorale e storia della liturgia*. Eredità litúrgica e atualità pastorale, 1962, p. 557.

³⁷ Cf. IO 5-7

³⁸ SC 14

³⁹ SC 33

⁴⁰ SC 9

⁴¹ SC 35,3

⁴² SC 10

⁴³ Cf. C. VAGAGGINI, *Il senso teologico della liturgia*, Roma: Edizioni Pauline, 1968, p. 153.

ma liturgia, ou seja, a liturgia é a origem e o fim da ação pastoral. Não se olvide que esta afirmação está em concordância com os postulados da *Sacrosanctum Concilium*, n. 10. Isso é claro, tendo em mente que a liturgia não possui sentido nela mesma, mas somente enquanto é expressão da *lex orandi* unida com a *lex credendi* e a *lex vivendi*.

O Concílio Vaticano II foi fruto principalmente do Movimento litúrgico-patristico-espiritual e a reforma monástica,⁴⁴ que tiveram uma incidência pastoral profunda. Corroborando esta ligação íntima entre pastoral e liturgia, afirma a SC que “a revisão de cada uma das partes da liturgia deve ser sempre investigada teológica, histórica e pastoralmente”, o acento pastoral da SC, tem em vista, um novo tempo eclesial em que a pastoral seja litúrgica e a liturgia seja pastoral.

A ligação entre liturgia e pastoral pode ser vislumbrada na catequese. A reforma litúrgica ofereceu à catequese a possibilidade de valorizar uma catequese cristocêntrica, onde os mistérios de nossa

⁴⁴ O Movimento Litúrgico teve desde a sua origem uma eminente preocupação pastoral, recorde-se de alguns fatos que corroborem essa afirmação: a Abadia de Beuron com os irmãos Dom Mauro e Plácido Wolter, buscando ao lado da Regre Beneditina, que a Liturgia adquirisse o lugar central na “ascese do monge”. Dom Anselm Schott, de Beuron, publica em 1884 o primeiro missal latino-alemão; em 1914 o abade Dom Ildefonso Herwegen com um grupo de jovens celebra no mosteiro a Semana Santa com a Missa dialogada, pela primeira vez; a primeira Missa celebrada *versus populum*, com a participação ativa do povo aconteceu em 1 de agosto de 1926 no mosteiro de Maria Laach; Pius Parch, Cônego regular agostiniano tem como metas: aproximar as classes mais simples do povo ao culto da Igreja, participação ativa na liturgia e devolver a Bíblia ao povo; o *Congrés National des Oeuvres Catholiques de Malines* de 1909 expressou o desejo: 1. De recuperar o missal como livro de espiritualidade, 2. A popularização do missal traduzido e das Vésperas para ser rezada aos Domingos nas paróquias, 3. Retiros anuais para cantores das paróquias num centro de canto litúrgico-pastoral; a criação em 1943 do Centro de Pastoral Litúrgica e do Congresso internacional Litúrgico-Pastoral de Assis; no Brasil o Movimento Litúrgico teve seu expoente em Dom Beda Keckeisen OSB, Dom Polycarpo Amstalden OSB, Frei Henrique G. Trindade OFM, Dom Tomas Keller OSB e no Abade da Abadia Territorial N. S. do Montserrat do RJ – Dom Martinho Michler, OSB, esse foi o primeiro a celebrar a Missa *versus populum* no Brasil, a desenvolver a pastoral litúrgica do Domingo, a levar os leigos a rezarem a Liturgia das Horas como alimento espiritual, bem como, foi D. Martinho o responsável por formar uma consciência litúrgica no meio laical. Dom Abade Martinho Micheler, OSB é o pioneiro do movimento litúrgico no Brasil, sua pessoa deve ser recordada sempre que for se falar de Movimento Litúrgico no Brasil. Para uma melhor compreensão da vida e obra de Dom Abade Martinho Micheler, OSB, cf. ISNARD, C. *Dom Martinho*: vida e obra do grande abade do Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Lumem Christi, 1999. E sobre a história do Movimento litúrgico no Brasil: cf. SILVA, J.A. *O Movimento litúrgico no Brasil*. Estudo histórico. Petrópolis: Vozes, 1983.

salvação podem ser trabalhados em cada novo Domingo. O Ano Litúrgico oferece pela riqueza dos textos escriturísticos na liturgia da Palavra, no prefácio, nas Orações Eucarísticas e nas orações litúrgicas um encontro com Cristo. Assim, a catequese pode encontrar na liturgia um itinerário para conduzir os catequizandos ao encontro pessoal com Cristo, pela liturgia, formando os discípulos-missionários pelo itinerário da liturgia. O Documento de Aparecida no n. 250 diz que “Encontramos Jesus Cristo, de modo admirável, na Sagrada Liturgia [...]”, a liturgia tem um papel importante “[...] no seguimento de Cristo [...]”, é na conexão entre liturgia e pastoral que o discípulo-missionário encontrará primordialmente Jesus.

A exortação apostólica *Catechesi Tradendae* de 1979 do Papa João Paulo II declara que: “A catequese está intrinsecamente ligada a toda ação litúrgica e sacramental, porque é nos sacramentos e, sobretudo, na Eucaristia, que Jesus Cristo age em plenitude para a transformação dos homens”. Neste documento, o horizonte teológico da compreensão da catequese se alarga na tríplice dimensão de Palavra, memória e testemunho, isto é, doutrina, celebração litúrgica e compromisso com a vida que se realiza primordialmente “pela catequese que é feita dentro do quadro litúrgico e, em particular, durante a assembleia eucarística [...] a homilia retoma o itinerário da fé, proposto pela catequese, e o conduz ao seu cumprimento natural [...]”.⁴⁵

Por fim, pode-se afirmar que a liturgia é a pastoral fundamental, no sentido de ser ela, o espaço eclesial onde existe de modo privilegiado um itinerário de formação da comunidade dos fiéis. Perpassando o Mistério de Cristo, o cristão pela celebração do *opus* litúrgico aprofunda sua experiência de encontro com Jesus rumo à profundidade e maturidade da fé.

3.1 Meses temáticos e a pastoral do Domingo

O Ano Litúrgico constitui-se no lugar privilegiado de formação da comunidade cristã, como afirma Brovelli, em seu estudo acerca do Ano Litúrgico como pastoral fundamental. Para Brovelli, antes de

tudo, o Ano Litúrgico deve ser interpretado como a estrutura pastoral, dentro da qual e por meio da qual, se vai articulando a ação pastoral em cada Igreja.

O Ano Litúrgico se transformaria desse modo, em estrada mestra da formação permanente do povo de Deus e do aprofundamento do Mistério de Cristo. A comunidade dos fiéis é chamada, cada ano, a prosseguir sem descanso no seu caminho de contínua fé-conversão e de seguimento de Cristo, não com base em seus próprios esquemas mentais e organizativos, mas com base na celebração sacramental de todo o mistério da salvação. Na celebração do Ano Litúrgico, portanto, estão presentes também todas as dimensões das atividades históricas de Cristo [...]. Em outras palavras, o Ano Litúrgico não deve ser “ocasião” para realizar uma “adequada” pastoral; a verdadeira pastoral, digna desse nome, deve valorizar o Ano Litúrgico como memorial de todo o mistério de Cristo [...].⁴⁶

Contudo, as dimensões pastoral-litúrgica e mistagógica do Ano Litúrgico foram esquecidas ou até mesmo “negligenciadas” pelo fenômeno dos meses temáticos.⁴⁷ Este fenômeno pode ser entendido com exemplificações: o mês de maio como tempo mariano, mês de agosto – vocacional, setembro como mês da Bíblia, outubro – missões. Note-se um contínuo anúncio de “anos temáticos” por parte da Santa Sé (Ano Paulino, Ano Sacerdotal, Ano da Fé). Os meses e anos temáticos são desligados e em muitos casos em oposição à teologia-espiritualidade e pastoral-litúrgica do Ano Litúrgico, desfigurando o Mistério Pascal de Cristo celebrado no decurso do mesmo.⁴⁸ De fato, esses anos e meses

⁴⁶ Cf. BERGAMINI, A. *Op. cit.*, p. 146.

⁴⁷ Lima, em seu artigo: ‘Meses temáticos: desorientando a celebração’ afirma que “Como a própria designação denuncia: trata-se de temas e não de um acontecimento da fé. São temas relativos à pastoral e à devoção cristã que desviam a celebração do centro enquanto memorial da morte e ressurreição do Senhor. Os meses temáticos só atrapalham a liturgia. O Ano litúrgico não é só um calendário. Tem força de transformação da nossa existência promovendo a comunhão dos fiéis com o Senhor e com sua Páscoa. Sua força simbólico-sacramental jamais será alcançada pelos objetivos dos meses temáticos, ainda que sejam permeados de boas intenções pastorais”. Cf. LIMA, D.C.S. Meses temáticos: desorientando a celebração. *Jornal de Opinião*. Belo Horizonte, Ano 21, n. 1110, p. 11.

⁴⁸ Existem problemas de ordem teológica nos meses temáticos, o exemplo mais contundente é o do Tempo Pascal – como se pode celebrar o mês de maio como mês mariano quando ordinariamente maio está em pleno Tempo Pascal? Sendo o Tempo Pascal o centro e ápice do Ano Litúrgico e da vida espiritual da Igreja, como exprime as Normas Universais sobre

⁴⁵ JOÃO PAULO II. *Catechesi Tradendae*. *Typis Polyglottis Vaticanis*, Vaticano, 1979. nn. 47-48.

temáticos sucumbem, o já existente Ano Litúrgico, que é centrado na Páscoa de Cristo. Queremos provocar uma reflexão acerca desta prática na pastoral e na liturgia.

Alguns liturgistas vêm denunciando essa prática muito arraigada no Brasil, que desconfigura o Ano Litúrgico, acarretando problemas de ordem teológica ao colocar, por exemplo: a solenidade do tempo Pascal-Pentecostal em segundo plano – pois muitas práticas como a coroação de Nossa Senhora, ladainhas e outras práticas da piedade popular no mês de maio, estão postas em detrimento de celebrar com toda solenidade o único Mistério – a Páscoa.

Essa prática pastoral dos meses temáticos confronta-se com a teologia dos santos padres e da prática da Igreja Antiga: Santo Ambrósio afirmava que “[...] os cinquenta dias devem ser celebrados como a Páscoa e todos eles são como um único Domingo”,⁴⁹ Tertuliano chama tal tempo de “o feliz espaço”, ainda Basílio o chamava de “[...] as sete semanas do Santo Pentecostes”⁵⁰ e Atanásio em uma belíssima teologia, denomina o Tempo Pascal de o “Grande Domingo”.⁵¹

Outro problema é o que tange ao Domingo, esse é o principal dia de festa do cristão, a Páscoa semanal, o pentecostes semanal, seu caráter acentuadamente crístico não permite o que vem sendo realizado, nos assim chamados – domingos temáticos – a saber, domingo do padre, domingo do dia dos pais, domingo das catequistas entre outros muitos, onde o centro do Domingo que é a Páscoa semanal é esvaziada por pseudo-temas em muito secundários.

o Ano Litúrgico e o Calendário – NUALC, no número 22: “Os cinquenta dias entre domingo da Ressurreição e o domingo de Pentecostes sejam celebrados com alegria e exultação, como se fossem um só dia de festa, ou melhor, ‘como um grande domingo’ [...]” e o número 50 afirma categoricamente que “O Próprio do Tempo [o ciclo dos tempos, das solenidades e das festas, que desenvolve e comemora o mistério da Redenção no ano litúrgico] seja sempre conservado integralmente e goze da devida preeminência sobre as celebrações particulares”, no número 59 diz que: “A precedência de celebração entre os dias litúrgicos será regido unicamente pela seguinte tabela”. E apresenta os dias litúrgicos segundo sua ordem de precedência, divididas em I, II e III, na I está 1. Tríduo Pascal da Paixão e Ressurreição do Senhor, e os Domingos da Páscoa e dias dentro da oitava da Páscoa.

⁴⁹ AMBRÓSIO. *Expositio Evangelii secundum Lucam*. 8, 25.

⁵⁰ BASÍLIO. *De Spiritu Sancto*. 27, 66.

⁵¹ ATANÁSIO. *Epistolae festales*.

Constatamos que a prática pastoral está transformando o Domingo, em dia de “fazer” apresentando o homem como *homo faber*. O Domingo passa a ser o dia de inúmeras reuniões, dia de formações, esquecendo-se da teologia do Domingo – o “sábado cristão”, dia da “pausa restauradora”, dia de alegria pascal, dia de festa e comensalidade: *Dies Dominum* e *Dies Ecclesiae*.

A tradição antiga assevera com Tertuliano que no dia da Ressurreição do Senhor devemos afastar-nos de toda ansiedade e de todo trabalho rotineiro, e Clemente de Alexandria (séc. III) que o sétimo dia é proclamado, pois como, dia de repouso. Outra testemunha é Basílio de Cesareia que fala do santo domingo, honrado pela ressurreição do Senhor, primícias de todos os outros dias, e por fim, evocamos a teologia agostiniana que chama o Domingo de “sacramento da Páscoa”.

Ainda a SC 106, afirma que o domingo é “a festa primordial” e acrescenta que, seguindo a tradição apostólica, “[...] a Igreja celebra o mistério pascal a cada oito dias, naquele que se chama justamente ‘dia do Senhor’”, ainda assevera a SC 106 que “[...] as outras celebrações não se lhe anteponham, a não ser que realmente sejam de máxima importância, pois o Domingo é o fundamento e o núcleo de todo o ano litúrgico”.

O mesmo prestígio que goza a solenidade do Tempo Pascal no Ano Litúrgico, tem o Domingo, pois é a Páscoa semanal. Por fim, como se pode permitir a prática vigente dos domingos e meses temáticos na pastoral, quando nessa há problemas de ordem teológica? Somente iremos conceder ao Ano Litúrgico e ao Domingo sua primazia quando, de fato, conseguirmos fazer a união entre liturgia e pastoral.

O aspecto mais urgente na pastoral específica do domingo é sem dúvida, o da catequese do que significa o dia do Senhor. No centro da pastoral do domingo deve estar a assembleia eucarística. Uma celebração da eucaristia verdadeiramente festiva, digna e significativa confere ao dia do Senhor sua nota mais relevante. A pastoral do domingo deverá evitar a dispersão da comunidade dos fiéis e promover o sentido eclesial e comunitário [...]. Mas a celebração do domingo não se reduz à eucaristia. O dia do Senhor é santificado também pela Liturgia das Horas (cf. SC 100) e por outros atos litúrgicos, como a celebração dos sacramentos e sacramentais. O

domingo é tempo apto para a adoração eucarística, para a leitura e meditação da Palavra de Deus, e para a prática de atos de piedade.⁵²

A *Sacrosanctum Concilium* no número 106 coloca a teologia do Domingo ao afirmar que “[...] o domingo é um dia de festa primordial que deve ser lembrado e inculcado à piedade dos fiéis, de modo que seja também um dia de alegria e de descanso do trabalho [...]”, sendo o Domingo um dia a ser celebrado, o Concílio intui a Pastoral do Domingo ao dizer que se deve “inculcar à piedade dos fiéis”.

A Pastoral do Domingo, segundo o Papa Bento XVI deve ser “[...] prioridade, nos programas pastorais, à valorização da Missa dominical [...]”.⁵³ Portanto, poder-se afirmar com base na SC 106, que ao Domingo não se deve antepor-se nenhuma outra atividade, somente se posta, em relação ao mistério celebrado naquele Domingo. Esse dado, a *Sacrosanctum Concilium* corrobora no n. 108 ao dizer que se deve chamar a “atenção dos fiéis, em primeiro lugar, para os domingos em que se celebram os mistérios da redenção, no decurso do ano [...]”.

O Documento de Aparecida no n. 252 convida-nos a redescobrir a “[...] grande importância do preceito dominical [...]”, não fazer pastoralmente do Domingo, o que a sua teologia e espiritualidade não permitem, assim o documento exorta a “viver segundo o domingo”. Mas o que seria esse “viver segundo o domingo”? A resposta só pode ser encontrada na teologia do *kuriake hemera* – o Dia do Senhor, afirmando que o Domingo não é “mais um” dos dias da semana, mas a própria pessoa de Cristo. Cristo é o nosso domingo. Viver segundo o Domingo é vivê-lo como dia de Ressurreição, de transbordante alegria pela Páscoa semanal, do primado de Deus, é dia de descanso, de repouso no Ressuscitado na esperança escatológica.

Digno de nota é a assertiva de C. Vagaggini acerca da espiritualidade litúrgica, que muito bem apropriado se faz ao tema da espiritualidade do Domingo que deve ser inculcada na espiritualidade da comunidade, esse afirma que:

⁵² MARTÍN, J.L. *A Liturgia da Igreja*. Teologia, história, espiritualidade e pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006, pp. 338-339.

⁵³ Documento de Aparecida. Discurso inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe do Papa Bento XVI.

A espiritualidade que se centra sobre a oração litúrgica não é simplesmente uma entre tantas espiritualidades reconhecidas ou mesmo recomendadas pela Igreja, mas é, ao contrário, a um título que não compete às outras, a espiritualidade da Igreja, mesmo sem antagonismos e contradições com as outras vigentes na Igreja e por ela reconhecidas ou mesmo recomendadas.⁵⁴

Exorta o Documento de Aparecida no mesmo n. 252 a promover a “pastoral do Domingo” e dá-la “prioridade nos programas pastorais”. Na realidade estamos colocando muitas vezes em caminhos opostos: os programas pastorais e a liturgia. Mas o que seria necessário para priorizar a pastoral do Domingo/litúrgica? Antes de tudo faz-se necessário colocar os programas e diretrizes pastorais na espiritualidade e teologia própria do Ano Litúrgico, celebrar e pastorear com os acentos e entonações próprias de cada Tempo Litúrgico. Buscando viver na pastoral o que se celebra na liturgia.⁵⁵

Pense-se em algumas ações eclesiais: promover festas, encontros festivos em pleno Tempo Quaresmal, esta é uma prática pastoral incoerente com o que se celebra e o *modus vivendi* eclesial; assim como também celebrar o sacramento da Confirmação em pleno Tempo Quaresmal, quando se pode organizar-se pastoralmente para melhor celebrá-la no Tempo Pascal com seus 7 Domingos, ou ainda no Domingo de Pentecostes ou na oitava de Pentecostes; ou ainda, celebra-se o sacramento do Batismo em todo o Tempo Quaresmal, e na própria Vigília Pascal, que é por natureza essencialmente liturgia batismal-pascal, não se realiza um batismo.

Pode-se organizar a pastoral em consonância com a espiritualidade e a teologia de cada Tempo-Kairótico do Ano Litúrgico: reserva-se

⁵⁴ VAGAGGINI, C. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009, pp. 555-567.

⁵⁵ Os santos padres alentam para esta vivência integral: *lex credendi, lex celebrandi e lex vivendi*, essas não podem ser vividas como etapas diferentes, mas antes como uma mesma realidade. Assim diz-nos Leão Magno: “A vida dos fiéis, pela participação na cruz de Cristo, deve possuir em si mesma o mistério pascal, de modo que se honre com a festa aquilo que se celebra com os costumes”, ou ainda do mesmo Leão: “É completar com as obras aquilo que foi celebrado no sacramento”. Cf. SÃO LEÃO MAGNO. *Il discorso sulla Risurrezione del Signore* 71, 1.

para o Tempo Quaresmal⁵⁶ um tempo sem festas na paróquia, sem encontros festivos, sobriedade na ornamentação do espaço celebrativo, dar prioridade às celebrações penitenciais; enquanto que no Tempo Pascal, pode-se vivê-lo com confraternizações nas pastorais, encontros festivos com os jovens, maior zelo com os paramentos e ornamentação do espaço celebrativo para exprimir a solenidade deste tempo de alegria pela Páscoa.⁵⁷

O desafio em colocar a liturgia como um caminho pedagógico e catequético-mistagógico no processo de construção da pastoral é enorme. Nossa pastoral deve conduzir os fiéis ao encontro pessoal com Jesus Cristo, o Documento de Aparecida nos nn. 246-257 aborda os – lugares de encontro com Jesus Cristo – destacando-se a *lectio divina*, com seu método de leitura, meditação, oração e contemplação, que garante ao discípulo de Jesus crescer na “maturidade conforme a sua plenitude”;⁵⁸ a Sagrada Liturgia – destaque para a celebração da Eucaristia “[...] lugar privilegiado do encontro do discípulo com Jesus Cristo”;⁵⁹ a “pastoral do Domingo”;⁶⁰ o sacramento da Reconciliação como “lugar onde o pecador experimenta de maneira singular o encontro com Jesus”.⁶¹

Os bispos reunidos em Aparecida invitam a uma conexão liturgia-espiritualidade-pastoral, conduzindo-nos ao encontro com Jesus.

Outro problema da hodierna pastoral é o chamado – “missismo”, esse pode ser compreendido como sendo o exagero em número de celebrações eucarísticas. Corre-se o risco de se esvaziar o sentido mais profundo, litúrgico, espiritual, sacramental e mistagógico do Domingo pela enorme quantidade de celebrações, sem olvidar-nos da qualidade certamente prejudicada.

⁵⁶ A SC 110 afirma que “[...] a penitência quaresmal não deve ser interna e individual, mas também externa e social”.

⁵⁷ Bergamini propõe em sua obra – Cristo festa da Igreja: o Ano Litúrgico, pistas pastorais para cada tempo litúrgico de forma pedagógica respeitando a espiritualidade, teologia e pastoral de cada Tempo do Ano Litúrgico. Cf. também o artigo TOLDO, R. L'anno litúrgico come itinerário permanente della comunità Cristiana, *Rivista Liturgica*, 4 (1988), pp. 531-553.

⁵⁸ Ef 4,13.

⁵⁹ DAp. 251.

⁶⁰ *Ibid.*, 252.

⁶¹ *Ibid.*, 254.

A prática patrística atesta que a celebração dos “Santos Mistérios” era reservado ordinariamente ao Domingo,⁶² não era comum celebrar diariamente a Eucaristia, muito menos, várias “missas” no mesmo dia, como podemos observar na hodierna prática pastoral. Havia uma teologia da “saúde”, onde os cristãos, no período patrístico, passavam a semana preparando-se para o grande dia da Ressurreição – o Domingo. Durante os outros dias foi-se criando o costume de rezar os Salmos, surgindo a Liturgia das Horas,⁶³ como santificação do tempo e preparação para a Páscoa Semanal. Dada a sua importância eclesial e espiritual, a pastoral poderia utilizar-se da celebração da Liturgia das Horas com os fiéis como espaço de espiritualidade na paróquia.

A catequese constitui-se no *locus* privilegiado de ligação pastoral-liturgia. O Documento de Aparecida dedica-se a exortar a uma iniciação cristã e a uma catequese permanente. Os bispos colocam

⁶² Atesta esta afirmação: a Didaché 14; Justino na Apologia I; Hipólito de Roma na *Traditio Apostolica* 22; Tertuliano no *De fuga in persecutione* 14. Afirma Augé: “De modo particular adquire importância especial à reunião litúrgica aos domingos, celebradas pela comunidade como memória semanal da ressurreição do Senhor [...]”. AUGÉ, M. Op. cit., p. 29.

⁶³ O Papa Paulo VI na Constituição Apostólica *Laudis Canticum* afirma que a Liturgia das Horas é o “Cântico de Louvor, que ressoa eternamente nas moradas celestes, e que Jesus Cristo, Sumo Sacerdote, introduziu nesta terra de exílio, foi sempre repetido pela Igreja, durante tantos séculos, constante e fielmente [...]. A Liturgia das Horas desenvolveu-se pouco a pouco, até se tornar oração da Igreja local, onde veio a ser, em tempos e lugares estabelecidos, sob a presidência do sacerdote, como que complemento necessário a todo o culto divino, que se encerra no Sacrifício eucarístico e que devia ter repercussão e estender-se a todas as horas da vida humana”: cf. PAULO VI. *Laudis Canticum*. A Liturgia das Horas é “a oração que Cristo, unido ao seu Corpo, eleva ao Pai” (SC 84), é substancialmente, uma estrutura de oração, entendida e organizada de tal forma que, santificando o dia inteiro, daí o seu nome *Liturgia Horarum*, é a expressão da oração de Cristo e da Igreja – de toda a comunidade eclesial. A *praenotanda* n. 20 afirma que a “Liturgia das Horas, como todas as demais ações litúrgicas, não é uma ação privada, mas pertence a todo o Corpo da Igreja, manifesta-o e influi nele. A sua celebração eclesial aparece em todo o seu esplendor – e por isso é vivamente recomendada – quando a Igreja local a executa com o seu próprio bispo, cercado por seus presbíteros e por seus ministros; nela está realmente presente e nela age a Igreja de Cristo, uma santa, católica e apostólica”. Bem como a *praenotanda* 270 assevera que “o louvor da Igreja não é reservado, nem por origem, nem por sua natureza, aos clérigos e aos monges, mas pertence a toda a comunidade cristã”, é dever pastoral devolver o louvor da Igreja e de Cristo ao povo de Deus, assim as paróquias poderiam reunir-se para celebrar alguma das horas litúrgicas. A Liturgia das Horas é oração da Igreja sendo sua eclesialidade fundada no fato de que a ação litúrgica da Igreja pertence à comunidade cristã e manifesta o seu profundo anseio de oração. Para melhor compreender a pastoral e teologia da Liturgia das Horas: cf. MATOS, H. C. J. *Liturgia das Horas e a vida consagrada*. Belo Horizonte: O Lutador, 2004.

a catequese como o lugar de formação e amadurecimento da fé permanente de todos os batizados, o processo catecumenal pérola do período patrístico, é novamente descoberto e colocado como caminho mistagógico-litúrgico do encontro com Cristo.

O n. 287 afirma peremptoriamente que “ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumprimos nossa missão evangelizadora”, o Ano Litúrgico pode ser um excelente caminho de formação da comunidade cristã, a cada Domingo, a liturgia leva-nos pedagogicamente a aprofundar o Mistério de Cristo.

D. Sartore sintetiza de forma muito apropriada como era a catequese dos santos Padres no denominado período patrístico especificamente, no que tange aos séculos IV-V:

A catequese dos Padres é catequese estreitamente ligada à liturgia. Uma catequese que encontra na liturgia a sua expressão mais plena, a sua fonte contínua e um quadro de referência constante. Uma catequese que, não só na iniciação aos sacramentos, mas também em outros momentos, sabe partir de sinais litúrgicos ou referir-se a eles como dados de experiência e estruturas portadoras de fé vivida na comunidade. O ano litúrgico, por outro lado, formou-se e desenvolveu-se, como enfatizou J. Pinell, justamente na Igreja dos Padres como “programação, eclesial de mistagogia” [...] “em função de contínua redescoberta da economia sacramental”.⁶⁴

A catequese mistagógica dos santos padres era exatamente esta ligação pastoral-liturgia, exemplo são as Catequeses Mistagógicas de Cirilo de Alexandria e o próprio caminho catecumenal patrístico, no qual, o catecúmeno era preparado especialmente no Tempo Quaresmal: a cada Domingo ia aprofundando nos mistérios de Cristo até culminar na celebração da Vigília Pascal, aonde o catecúmeno iria nesta “noite santa” receber os sacramentos do Batismo, Crisma e Eucaristia, como bem atesta o testemunho de Hipólito de Roma em sua obra: *Traditio Apostolica*.

⁶⁴ SARTORE, D. Catequese e liturgia, in: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 177.

O Documento de Aparecida no n. 290 afirma que “o caminho de formação do cristão, na tradição mais antiga da Igreja [...]” é uma “[...] experiência que introduz o cristão numa profunda e feliz celebração dos sacramentos [...]” e assim a vida vai se transformando “[...] progressivamente pelos santos mistérios que se celebram [...]”. A esse processo chama-se, segundo o Documento de Aparecida, de “catequese mistagógica”.⁶⁵

Em suma, Ano Litúrgico constitui-se no *locus* primordial de formação da comunidade cristã, assim, a pastoral deve ser litúrgica, como bem assevera a Instrução *Inter Oecumenici*, no n.7:

Deve-se dar cuidadosa atenção para que todas as atividades pastorais estejam em correta conexão com a sagrada liturgia e, ao mesmo tempo, para que a pastoral litúrgica não se desenvolva de modo separado e independente, mas em íntima união com as outras atividades pastorais. Particularmente necessário é um estreito vínculo entre a liturgia e a catequese [...].

A teologia do Ano Litúrgico corrobora a dimensão da formação rumo à maturidade eclesial e crística do cristão, contribuindo para a pastoral, no que tange ao maior compromisso do cristão com a pessoa de Jesus Cristo.

4. Considerações finais

Pode-se concluir que o Ano Litúrgico não é um calendário, nem uma ideia, mas antes, a pessoa de Jesus Cristo, é a celebração do Mistério de Cristo nos mistérios litúrgicos ao longo de tempos, que não se soçobram ao *Chronos*, mas são a epifania do *Kairos* de Deus. O

⁶⁵ A Catequese Mistagógica é o processo de experiência e aprofundamento com a pessoa de Jesus Cristo, “o itinerário era estruturado segundo uma evolução cronológica, orientado para um processo de amadurecimento e de crescimento através de vários graus: o pré-catecumenato, um catecumenato mais intenso na última quaresma, a celebração dos sacramentos, a catequese mistagógica [...] com vários outros elementos: ritos de inscrição, escrutínios, exorcismos, *traditiones*, celebrações sacramentais, etc.[...] Todo o caminho de iniciação tinha caráter tipicamente eclesial-comunitário, não só porque se realiza de modo público e institucionalizado, ou porque se enquadra no ano litúrgico [...]. A catequese dos Padres é catequese estreitamente ligada à liturgia [...]”. Cf. também MAZZA, E. *La Mistagogia*. Una teologia della liturgia in época patrística. Roma: Edizioni Liturgiche, 1988.

Ano Litúrgico é a celebração do Mistério de Cristo temporalizado nos mistérios, rememorados pela Igreja em cada tempo do Ano Litúrgico.

A pastoral desvinculada da liturgia será sempre puro ativismo, não espaços de encontro com a Pessoa do Ressuscitado. Mas ao promover o ligame entre: liturgia e a pastoral, onde, ambas se interpenetram, sendo uma pastoral litúrgica e uma liturgia pastoral, assim, tornam-se um lugar privilegiado de formação da comunidade cristã.

Bibliografia

- AQUINO, T. *Summa Theologica*, III, q. 83, a. 4c.
- AMBRÓSIO. *Expositio Evangelii secundum Lucam*. 8, 25.
- AUGÉ, M.; CHUPUNGCO, A.; NOCENT, A. *O Ano Litúrgico*. História, Teologia e Celebração. São Paulo: Paulinas, 1991.
- BASÍLIO. *De Spiritu Sancto*. 27, 66.
- BAUMAN, Z. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BERGAMINI, A. *Cristo, festa da Igreja*. O Ano Litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. *Ano Litúrgico*. In: SARTORE, A.D.; TRIACCA, M. *Dicionário de Liturgia*. Paulinas: São Paulo, 1992.
- CANTALAMESSA, R. *La Pasqua della nostra salvezza. Le tradizioni pasquali della Bibbia e della primitiva chiesa*. Turim, 1971.
- _____. *La Pasqua nella Chiesa Antica*. Torino: SEI, 1978.
- CASEL, Odo. *O mistério do culto no cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2009.
- CASEL, O. *Il mistero del culto divino*. Roma: [?], 1985.
- GUARDINI, R. *Lettre sur le mouvement liturgique*. In: _____. *La Maison-Dieu III*, 1945, p. 7-24.
- JOÃO PAULO II. *Catechesi Tradendae*. Vaticano: Typis Polyglottis, 1979.
- JUNGMANN, J. *Pastorale e storia della liturgia*. Eredità litúrgica e attualità pastorale, 1962.
- LEÃO MAGNO. *Il discorso sulla Risurrezione del Signore* 71, 1.
- LIMA, D. C. S. Meses temáticos: desorientando a celebração. *Jornal de Opinião* 21 (2008), p. 11.
- MARTÍN, J. *A Liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006.

- MATOS, H. *Liturgia das Horas e a vida consagrada*. Belo Horizonte: O Lutador, 2004.
- MAZZA, E. *La Mistagogia. Una teologia della liturgia in época patrística*. Roma: Edizioni Liturgiche, 1988.
- NEUNHEUSER, B. "Mistero". In: SARTORE, S.; TRIACCA, A. *Nuovo Dizionario di Liturgia*. Roma, 1984.
- RAHNER, K. *La teologia pratica nel complesso delle discipline teologiche*. Nuovi Saggi III. Edizioni Paoline, 1969.
- SACROSANCTUM CONCILIUM. Documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 2001.
- SARTORE, D. Catequese e liturgia. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 177.
- SILVA, J. *O movimento litúrgico no Brasil*. Estudo histórico. Petrópolis: Vozes, 1983.
- TOLDO, R. L'anno litúrgico come itinerário permanente della comunità Cristiana, *Rivista Liturgica*, 4 (1988), pp. 531-553.
- VAGAGGINI, C. *Il senso teologico della liturgia*. Roma: Edizioni Paoline, 1968.